

*A estes escritos, decai a máscara. O banho em folhas ásperas à espera de Flaubert, ao encontro de Pound na esarpa, enquanto alumia meus olhos. Fugidio, dos Anjos espia espreito, anuncia o tom de minha coragem em decifrar-me e tonar em público meus desusos, minhas vanguardias. Quase bêbado, Mallarmé desce a escada onde Cabral alitere alarde em poesia marroquina os bouços de Boudelaire. Manoel de Barros, no quintal onde moro, mira uma flor e Florbela o espanca. Caiero miramar e sinestesia com Kilkerry vendo Nestor de Oliveira indo à pedra com Jacinta Passos, nesta épigrafe.*

*Denilson Conceição Santana.  
In: O Arquivo do Limo E outros encantos*

ف

Editora Faz de Conta

*Denilson Conceição Santana*



**O Arquivo do Limo**  
*E outros encantos*

Denilson Conceição Santana

**O Arquivo do Limo**

*E outros encantos*

Copyright © do Autor

Capa: Imagem de São Roque. Pormenor. Autor desconhecido. Acervo  
Paróquia Nossa Senhora da Purificação, Santo Amaro - BA.

**Coleção 3x1:**

Curadoria e Docência no ensino superior  
O arquivo do limo e outros encantos  
Assanhaços de minha terra

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução parcial ou total deste livro, desde que citada à fonte.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

SANTANA, Denilson Conceição.  
O Arquivo do Limbo e Outros Encantos. Denilson Conceição  
Santana. Coleção 3x1. 1ª Edição. 36 pgs. Editora Faz de  
Conta. 2018.

1. Poesia; 2. Literatura Brasileira. I. Título.

Impresso no Brasil

*Denilson Conceição Santana*

**O Arquivo do Limbo**

*E outros encantos*

1ª Edição  
2018

**COLEÇÃO 3x1**  
Editora Faz de Conta

# O Arquivo do Limo

*“Este livro é de mágoas. Desgraçados...  
...só de mágoas cheio! ...”*

Florbela Espanca

## **O Arquivo do Limo**

Na fluutuabilidade da fala, na indução de sentidos coesos  
Cato musgos no quintal da infância  
O limo, por sua consistência pegajosa, às vezes escusa  
Sustenta uma gosma verde de alquiderme fantasmagoria  
Amância a queda como dá resistência ao salobro do engenho  
Verificando em mim a alimália sem sentido  
Noutras eras me certifico de seu lodo, lama, larva  
Ou a vasa entranhe n'alma  
Mas a família das algas que suga como um vestido verde seu  
linguajar mergulho, blasfema  
Contra sua superfície de água estagnada sua sustância vegetal ainda  
refuga por lugares úmidos  
Onde a natureza dos envolucros ainda grita e não medra medo

## **O pedido**

Cessação dos segundos  
Segue-se a aragem, pústulas  
Ogre a bússola na quilha  
A fender quadrantes, terças, dutos  
Gris do tropel do agouro  
Greda  
E na gleba do lábaro  
Ribombos e bivaques  
Ao langor do baile  
Pio, implume por tua presença, alquímica  
Casario de fados e alados perfumes  
Hissope, no bujo da ocasião  
Júbilo por ti ó amada  
Sou corpo bôrcó  
Atônito, sou morcego que alítere espera  
Onde clarins escondem seu sono  
E diluta vaga da manhã  
É mensageiro constante da queda

## A espera

Druidas, alpendres, ícaros  
Eis minha manhã, alçada em degredo, na bacia da espera  
Pupilas dilatadas pela assemblança de ver-te em sonho renovado  
Verrugas, plagas, alquidermes na porta de casa, anciões

Lacrimejo azulindo fados d'ouros  
Fados icásticos, insolúveis, em tântricos desejos em saudar-te  
Procuro gueixos, hiatos  
Reluzem brumas, fagulhas, ensejos

Beuys, anwhol's e magritte's  
No pênis, aguarda a galardia, pús, gangrena  
O falo andrógino de possíveis fantasmas  
À jubas de alçar-te em desejos leoninos e viscerais

## Tríade

Sabres, espadas e lanças  
Clarins, harpas e violoncelos  
Bastões, bengalas e cedros  
Folhas, musgos e limos

Pluvia, fluvia, ruiva  
Naufraga, grávida, flácida  
Baterrabas, limões e agriões  
Jandaias, periquitos e tucanos

Ciscos, trovoes e revoas  
Alimentam o dragao  
Pedem a nunca exhibir  
Teu jogo de três

Cacetetes, escudos e voilas  
Cetim, purpúreo, lazéreos  
Zume, lume, baton  
Cais, porto, marron

Fossos, poços e cisternas  
Azilo, aquilo, n'alma  
Notas ocas, fingidas, escaniçadas  
Turmalina, esmeraldas e rubis

Deslinquistilizado  
A nossa dinastia reina absoluta  
Larga a vida  
Com a rara beleza do existir

## O anti poeta

Nunca li poemas  
Destes de pó de canários  
De pombos betas, alfa, gama  
Sou das ancas, cangalhas  
Me esmero nas bengajas dos jegues,  
Pégasos sem asas  
*Calle relator* de quem trabalhou duro

A poesia de nada espera  
O bagaço de cana é meu doce espelho  
Adocicando meu sobrevôo em alfinetes no colchão

Nunca li poemas  
Destes de pó de mico  
De colibris e cata-ventos  
Pó só do meu ovo  
Nem corvo, nem gaviões, nem canalhas  
Colear é meu destino, confino na crina

A poesia me sustenta, criado mudo  
O jardim das letras é um hiato  
Onde as ninfas se me revelam em *hibernum*

## Sobre tua sombra em Velásquez

De um: a têmpera  
Do outro: o pômulos  
De vara curta: o enxame  
A avareza e a destreza das manhãs em brasa  
O alabastro da tônica  
Decifra o cogito  
É rio caiado em prata na ferrugem do tempo

Espraiado na vala da consolação: o poema  
Aguarda renascer  
As tintas, os pinceis, ocultam o cadáver do pintor  
Necessitam ânimo  
Como na cumeeira do verbo  
Finge ser carregado pelo vento  
A beleza esculta de tuas ancas

### **A noite pênsl**

Na noite pênsl

A *louça* secando à janela

A casa lúgubre

Disfarça a cor do refrão

O desencanto dos sinos

A lâmina turva a larva em seu visgo

Ávida na esperança, se esconde na cor

Carbono, chão e giz

O desenho imaginado se faz saudoso

É dádiva, saliva e engenho

O mel se desfaz

Volta ao pólem, à colheita, ao amor

### **Empinando pipas**

Arraias no céu limpo colhem tempo limpo

Liquefazem caminhos estanques

Abeto nos campos de lira

Suspiram paisagens de ócio

E tudo restaura e respira

Quantum nos quintais do Averno

É a poesia que em mim não falha

É alma nascida na cruz

Transpira como o vento nas folhas de bananeiras

No cio dos intentos, fala às escondidas

Com esquecidas vidas, com amores em colheita

### **Pó de pirlin-pin-pin**

Abracadabra  
Eis-me em gaugalos, gálcias, fálicos  
Nincos na música sã

Pé de cabra  
Ferro, felugem, alimália  
Luvas às avessas à reveria de reis, rainhas, viscondes  
E adentro à casa

No olho da cumeeira  
Gnomo em vidro transderme embaça-me  
Vislumbre de vertigem e vetugem  
A nata, a pleura pouca  
O coelho da cartola morto  
A equilibrista de ponta cabeça, genocida  
Risca o esmalte do poema  
E a mágica não seduz

### **O cismo do verbo**

Sou como a folha, pedra, tempestade  
Hirto sozinho  
Acostumei-me ao correr dos rios  
Engenhos vazios  
Prenhos de saudade  
E em nada a dizer  
Cisma a palavra sã  
Nave a cegar  
Com sua quilha de vidro  
A cumeeira do poema  
Abdicam o ensejo de existir em mim  
E como afanadas casuarinas  
Macegam como o junco  
Em cascatas de copula o verbo intrigante

### **O esconderijo**

No pungir do açoite  
Na anca das horas  
Escondido nas entranhas das vestes  
Descansa o poema  
Inerme em fantasias ocas  
Néctar de fitos, em rútila  
Premessem em cangalhas  
Como alicerce, azáfamas  
Esperam o clã do estanque  
Para o aceite nos poros da palavra  
Língua morta  
A urdir beirais

### **Canção celta**

Nos perais do caminho avisto  
O espinilho de asilos fantasmas  
Na torre do castelo a princesa orfã  
Anciã da lágrima verdadeira  
Cresce como ciprestes em voga  
Arbustos a rimar pelicanos, cegonhas, aves raras  
E no intento de repousá-la  
Refluo suas pálpebras de porcelana  
No fulvo elencar de naus esguias  
Charco de enigmas e desejos tantos  
O calix hiante no beiral  
Cicio de virgens onde urdo divisas

### **Loteria de zôo**

E deu zebra  
Caimos sob córneas cegas  
Na laskinê do poema  
Catando a nata do verso  
Deveras assim poder tateá-las  
Comer sua espécie em epígrafe  
Prenuncio da vertigem do gozo  
Suas gafas  
Ágrafas como anágua em linho cozido  
É ponte sábia do lápis em lôo

### **A fonte**

De onde nasce a poesia  
Verve o limo que brota denso no leito da estrada  
A página sã não nota sua insensatez  
Gosma que transborda a vertigem  
Verde lícido entranha a mata se perdendo em deságuo  
De quimeras bolhas fluídicas  
Como bexigas emprenhando aniversários  
Hirtas, no impregno benigno  
E se caermos na saeta aludida  
Seguem livros, papéis, pergaminhos  
Na verruga da fonte

### **O mago errante**

Outrora eu ia na saudade te visitar  
Tocar o pólem da nenúfar consagrado  
Para a espísteme do alado  
Eis sim agora  
Carrego em mim o mérito eivado  
A gloria, disfama-me  
Ignoro a bruma, o enuviado, o córrego das ilusões sábias  
Hastes de pluma e sal  
Ora em prata diluído a enflorir como amuleto  
O torvo esconso onde me ressarço e fujo

### **Maremoto de outono**

Na arenosa e ventríloca praia  
De quando cristais e crustáceos em deriva plainam  
Ululam moluscos em vértebras galgando em glácidas  
Vibriões aos cardos, aos bandos  
Em vetustas disritmias  
Na vaga alucinógena das manhãs  
Disto eu, rebento em rígida renuncia da paisagem  
Que desde afora retroalimento a vertigem  
De cartas eiradas em garrafas bêbadas sobre o mar

## **O guardião dos sentidos**

### **I. O ar**

Observo ao medro o respiro intacto do absoluto  
Essa interdicção me extasia  
Repõe-me em minha ausência  
Salobro donde vis minha fome em luas  
Broas cruas a citar meu nome  
Impalindo o palpo sutil do meu nariz em vértice

### **II. O tato**

Luto contra luto na abdução  
Fustiga a avidez dos pinheiros  
O tredo vetusto num sepulcral degredo  
Esboçam lonjuras num espinhal segredo  
Sóis caules de adúlteras flores  
Selo de unas, dunas que se dibicam  
A distanciar núpcias ao acaso  
Agora meandro de instâncias púrpuras  
Cortejam rosas, dalias e crisântemos  
Numa esfinge clárida de blasfêmia e genocídio  
Aproximando nossas mãos em distâncias

### III. O olhar

Planais, segue-se lácrime feito chuva hípica  
Diques, represas, lagos imensos de tristeza intacta  
Poucas vertentes, inúmeros ledos  
Nas devassas dos segundos  
O peso, trôco de plumas em degredo  
Cinzel de charco frio num átrio penedo  
De uma correnteza dispersa  
À fulva, em trêmulo medo

### IV. O Olfato

Miasmas ligeiros impregnam sanga que nunca gota  
Cresce como musgos na euterpe a criar vocábulos na epiderme  
Hauridas nupcias na pele olfativa sazonomidas  
Num gélido exemplar como ostras em amostras  
Alfabetos, cornucópias, algas e fermento  
Toso como sentir saudades da crina incômoda sobre os cílios  
E soluços às vezes pra dizer que não minto

### **V. A terra**

Frígio e gélido feito em gema do mato  
Regurgito o marulho doutroras  
O verde embassado do limo  
Agora me emaralha nas fumas do absinto  
Inferno a auscultar saudades  
Defesas rúdias que o tempo abassá

### **Tu que não me tens**

Sou teu corpo pálido, venusto  
Hiberno na paisagem onde me afoguo em lágrimas adendo  
Meu rosto de suprema galhardia  
Embranquece todo desejo de ira  
Fazendo-me alicerce de teu desastre  
Alimento a gaze na enflora de tua manhã  
Sou gesso estático, este álibi prenhe  
Silêncio de ventre virgem que ainda repousa  
Como avalanche a espreitar a tua plantação  
Miro teus olhos como lava iridescente a irrigar-te  
Entao tú, romântico às avessas  
Não me venhas falar em amor

### **Intento da medusa**

Freme em sulcos, nevascas  
A linfa, em húmus  
Lança atroz seu lince pós-midiático  
Resíduos de cascas densas de árvores recriando  
Biombo na varanda escondendo ninfas  
Tudo que importa agora é o migrar  
Dos ossos ao colosso  
Da gaitada vida que a lã do ventre sibila  
Aprendi com os pássaros esse comporta-cantar  
Ora minto, ora recuo  
Em pleno vôo o zagal  
A hum baço crepuscular  
No topo onde dilui o êxtase  
Em cálices sórdidos de uvas prenhas

### **Para aquele rapaz vetusto**

Guardo minha mágoa mais sentida  
Roto de naus à deriva  
Na procela da donzela  
Fostes o ungido  
Flamingos de poesia em laca  
Desejo meu humílimo pio  
Sangres de sarçais recônditos  
Azulo hirto do tredo, ledos acerto, leve engano  
Cálido rúbido que na devora me assaz  
O motriz da bela canção  
E ôfego e trêmulo retenho meu pesar  
De uma donzela em infantil alvissareiro

### **O candongo do amor**

Estiolo-me com tua presença enigmática  
A pala a rosa à lapela sois cúmplice  
À brida de arcanjos e augustos  
Zás doutra doura em túrgidos desfraldardes  
Para não perceber tua chegada  
E achar nas verbenas do encantado  
Arfas de teu vulcro pressentido  
É quando tocas o cânion da sordidez  
E nela vil embriago  
Na mata o verdival verrugo das anciãs  
Solerte à poeira do esguio  
Na ganga de corriqueiros fantasmas  
Um semideus, fênix, crispado e nú

### **A matriz abastada**

Rúbido e trêmulo de gozo  
Teci a peneira dos curares e pagés  
Agora resplêndido  
Ignoro tua impiosidade  
Álacre e túrgida como esfinge  
Tua magenta sabedoria já não me alça  
Sou corpo leso sem engano  
Sustento na poeira da pira teu amasso  
Chuva de bálsamos em genocídio primata  
À distância medro tua eloqüente fantasia  
Numa festa endêmica de máscaras cassas  
Onde o motriz eloqüente do poema embassa

## Àquela tarde

Sobre o vergel  
Plantações plainares de açúcar e hélio  
Próximo no canto da casa respira  
Adaga em suas tiaras de cem epígrafes  
Quedas nexas onde medas o inalcançável  
E alcançais a ravina pronta pra diluta  
Num infante cósmico  
Apor de irisados numes  
Suprimis o ócio oferecendo álibis  
Ajo como a delicadeza dos perfumes  
Suspiro na mudez cínica dos vidros  
Uma encharques láttega  
Fronde hirta no absinto  
Como no murmúrio de um síflo

## O silho

A meu cântaro de assimetrias de cifras  
Misturam-se liturgias e cantares de outras rezas  
Exatos em suas asas  
O vaso antigo hiberna paisagens de extremo altivo  
Simétricos e endêmicos  
Como a pátena que ora em repouso  
Que parte rente da bôca e descansa no bojo  
Minha música extasiada é hóstia saliente  
Prato sagrado onde o silêncio se alimenta  
Cálice de forma arredondada como a lua  
Que não esconde outrens

## Balé de espigas

Pega-me aos pomos  
A desossar calibres no oscilar da perdura  
Que sou nesta famígera ?  
Um assobio de flancos tênues  
Outonais em diapásão túnico  
Ginete no pinhal da escarpa  
Arabesco no sarilho dos vales  
Onde *soul*?  
Quadriga do mar no vento robusto  
Amorável adejo  
Cordeiros, caramujos, gaivotas e estorvo  
Prumo na glande  
Um marulho exato de solidão e blasfêmia  
Bizarria no píncaro  
Planícies e planaltos em poreja  
Na víride doblez do canavial  
Brande em augúrio a quadriga paineira  
Nitre o baço, o prumo que agora sou e és  
Sina ignota de tenro barulho  
Mixaria de pulcro em safra aos molhes  
Soluço bivalve da canícula sanga

## Nos armazéns de fumo da minha terra

Luxúrias e excelso  
Harpeja a vinha sã como mácula  
Ara de estela ilusória  
Marchete no trino chilreio das horas  
Tentâmen insones  
Doura em jungidos  
Como nos carapiais  
Esvaem em sangue de safra  
Amaciando o malte a ermos  
Onde lampiões comem suas maçãs  
Emprenhando à toa *Evas* no paraíso  
À cruz de cristo e das almas, aguardam risotas  
O feral clarão empasto que nunca vira  
No solene gruir deleitante de cultivos fumosos  
O sussurre e a aliança da noiva que nunca ira

### **A notícia de tua ida**

Depois que partiste tudo é dor e tenebroso  
O mar, suas ancas de solidez inexacta agora salobro de lugar  
Naves púrpuras agonizam numa feral disritmia na esfera dos  
enfermos  
Cambiam clarões de vítimas desolados na órbita dos celenos  
Pérfido de néctar e estrume vingam adoidados  
Donde espreitas alada  
Atinas do imarcescível o pálido dos ancestrais  
Lapidescentes ventres à mostra  
Ouíço num clarão a vaga do crepúsculo  
Num jogo cínico de castiçais e lentes dóricas  
Que me acalanta num ledão engano

### **Educação Caduca**

Na escola primária o amor se redime sã  
Se mostra tão entregue e tão humilde que choram seus anciões  
Pudesse outrora este vingar  
Corridas, disfarces, mandingas  
Clausuras de euforia e brinco  
O desuso dos seus corredores agora é silêncio e calma  
Esteio de ancoras como borboletas ao léu  
O convento com suas dobras em aberto  
Escondem a euforia dos brinquedos  
Que além de seus claustros choram em segredo  
A ansiosa manhã que já nascida ergue a minimália alcançada  
Em seus pátios ermos o jejum de sobre-excitas mofas  
Padres bêbados, caducos de imagens e santidade  
Caniçam seu mel e deságuam solilóquios do véu à boca

### **Poema de véspera**

Quedava eu em quimeras  
Em gavetas cansadas de armário  
A vestimenta ideal de seu enterro  
O cravo despedaçado já sem espinhal no crivo da lapela  
As madrigas sem assoalho  
O verde são, maturo e denso  
Denunciava o ocaso à escancela do amor  
Desbostado impresso sobre a cor do poema  
Rutilância das horas em desuso enquanto dormias  
Aguardando grávido seu esconso luar  
Sem sentir que tal agravo  
Anunciava seu retorno

### **Em construção**

Ululando em ermos jaz eu aqui intacto, endêmico  
Num loar de papoulas e taças rúbrias  
Eflúvios de narizes de navios embicados  
Na gana solta do asfalto em ondas  
Observo este óbolo, cristálido das enxárcias  
No armilar da saudade de bojo tranquilo  
Hoje sou canteiro de obras, abandonado

### **Reforma de igreja**

Sou eu aqui ainda, disfarçado em florações mistas  
À flama do horror da glória  
Num rosal híbrido de flores murchas, alheias  
Sob o velcro de priscas preces num flébil de credos alheios  
Parábola de alegretes e espectros puros  
Fio a fio apago o linóleo descrito  
Refaço-te em acrílicas, absintos e riscos  
Surjo enrascado na bainha das súplicas  
Sou quem serpenteia e débil lambe as nádegas do outeiro  
Sob os aplausos dos hóspedes

### **Hora morta**

Acenavas no saguão de embarque  
Numa idosa ocasião de despedida  
Fechei os olhos como quem dorme e nega o sonho acordado  
Vigio perpétuo de turmalinas nos ponteiro dos relógios  
O incenso de bromélias em escarpadas colinas  
Aferiam em nós o endosso de órgãos nutres, unos  
Em melodias toscas e mudas em silêncio

## **Do éter**

Hoje o vago imune e blasfêmico de vulvas  
Ainda me consome, pois que aguardo cínico e sinistro  
Translúcido às genitálias e órgão mestres  
Nas ralas que a sala cretina nos condicionou  
O *ogan* festivo das galas intempestivas

Hoje observo a ganância das horas a quem as inventou  
Súbito leio as uvas e riscados de teu rosto  
Denuncia dos lugares absortos e lúcidos  
Qual barca ou gameleira que no desertão arreia  
Vis o lamento de sacristões e escravos loucos

Hoje a praia morta anuncia em jangadas inundadas  
Procissões e carros de formosura e enredo  
Na planura de hortênsias e nativas palmeiras  
Onde grilhões de sereias abandonam seu barco  
E esconsas meu sentir em orvalhos e ervas finas

## **Apaziguando cetins**

Depois de ti  
Ervas, alcatrões e mirra  
Toda sorte de segredo no esmero do cirro  
Alquimia tântrica no enredo da tarde  
Latrinas, cânticos ao soares, empatia  
Cíngulo de nó cego pra minhas liturgias cacofonas  
Ramaria do meu agarro  
Degredo tuas vestes ao me visitar, poro nú  
Intempérie das horas exaustivas e nulas  
Onde teu corpo  
Jaz morto no encalço  
No soçobro do iluso

### **A imagem de Lara**

No arbítrio de uma paisagem prateada  
A imagem de Lara a instilar deveras pólen  
Trouxe em mim uma domesticidade reluta  
Volátil em esquizofrênica clausura  
Plínio dos *Delfos* em afoguo repetitivo  
Sopesei calcinado numa figura oposta  
E eis que me doe volátil  
Bóia a guiar a Medusa a me domar  
Ressonância hipnótica no estanque do lugar  
Não-palavra devota de capricho  
Respiro seus ares planos de ápice engodo  
Assertivos em lapsos de conexão dispersos  
Donde regenero e ressonante grito

### **Pra te falar a verdade**

Parcimoniosamente falo-te de meus planos  
Empurro lágrimas sem derramar um fio  
O temporal aguarda renascer  
E já frio lá fora  
Prendo o ar, respiro, volto a te olhar  
Coloro a tua íris em minha feição  
E navego em dedicação e esmero nessa labuta  
Dou-te a calma dos mares em que me afoguei a tais sonhos  
Sucumbi a ermos e desastres irreais  
Naturais à cor de teu olho destro, esverdeado e câmbioso  
No tom da plataforma que se ergue por de trás de tua vaidade  
Na angústia de te ter persuadida, idêntica e fadada

### **Espelho virado**

Pus-me a acreditar em tal deveras de existir  
Igual endenta mais profundo, coisa absconsa mais não haveria  
E colirando-te por ai num zênite do mais vetusto possível arcão  
A nadir para que pudesse oirar e dotar-te em degredo  
Pisto-lhes na cizânia dos dias coisa que se adonai por ai  
Numa arqueologia do ínfimo, ao que fosfórea e intriga  
Rendas de fio de cobre seu vestir  
Traçando vendavais, esquizofrênicas constâncias  
Quando nos deparamos em uno  
Numa variante de desusos e arrogantes segredos

### **Profilaxia de retorno amoroso**

Quando a vertigem da soçobro se deixar exausta  
Como um curandeiro das matas virgens  
Sob fármaco jamais imposto  
Aproxima-te das ocasiões de varridão em punho  
No potro, a moringa ainda vinga água benta aludida  
Sob seixos, azulejos e porcelanas de alambiques

Quando a chave de zerar saudade me emprestar desejos  
Ungüento, eu numa piscina de chamas-verdes, aclimado  
Volverei em corcéis alados ao teu lar  
Refazendo plumas e mistérios no esconso  
Sob crinas de algodão e linhaça  
Em sonhos semi-nú e rarefeito

E jaz que sub-repticiamente se emulam prazeres  
Vindo da alcova altaneira  
O largo vão de lenho e afobo quando te cruzo  
Cindindo folhas pânicas  
E salubres castelos em desperdícios

## *Outros encantos*

### **Roma città chiusa**

Abre-se ao descampado esse breu  
A que se o mundo assim me deu  
Raí-me aos ramalhetes esse éden encantado  
Oram os vultos no cinzel da pira  
Como ramalhetes de um vendaval cósmico me abrigo  
No esconso de minha pele rugosa de paquiderme mal amado  
Sou o rei pastonírico onde jacintos  
Vulvam a glaciár enguias  
Na enorme blasfêmia da vida

### **Nos quintais do Recôncavo**

Não hesites ao alheio que a vaga do seio materno hiberno descansa  
É no suprir dos cães, na *hécate* insuspeita  
Que a fugidia das ancas nas eras receia

O recôncavo é esta condição supérflua  
Recluso dos mares à aventura  
Resta-nos aceitar esta felicidade infinda e sorradeira  
Condenados a alegria eterna que piamente rodeia e vigia

Nos juncos de deuses gregos, hesíodos arabescos  
Troncos de musas no abeto, mácula inconsciente  
Por mérito e descanso de mares e saís descaniçados  
Não obstinas o bem amado, maltocáveis  
Cancelas o amor por ti, e ei-nos amaldiçoados

### **Quando o casario da Academia de Letras de Santo Amaro cair...**

Quando o casario da Academia de Letras de Santo  
Amaro cair...

Estarei rarefeito, indignado e revoltoso criando entre  
as últimas palavras altivas, um epitáfio em comum.  
A palavra reduzida a pó vagará por becos, ruas,  
quarteirões, territórios, alcançando todo o Planeta.  
Cataremos em seus entulhos o grande fardo histórico  
de nossos ancestrais, seus pergaminhos, tinteiros e  
bicos de pena.

Reduzido ao silêncio, silenciará todas as letras,  
findará todas as palavras.

A Palavra não terá rima alguma, as cartas de amor, os  
e-mails de paixão, as mensagens de carinho, não  
surtirá efeito algum, ficaremos resumidos a nossa  
própria inutilização.

A memória dos escritores vagará cio afora, acordando  
ancestrais, revolvendo caixões, lápides, túmulos.  
O éter dos antigos alambiques e usinas acordará as  
almas infortúneas dos bêbados e drogados que  
urinaram em seu patrimônio em época de festas na  
praça.

Na fome de comedores de hot-dot, acordaremos  
atônitos como cachorros drogados em becos escuros  
ao som do estopim de seu desabamento.

Dormiremos na forma dos que usaram seu passeio  
durante muito tempo de forma desorgânica, fechando  
e envergonhando ainda mais a praça querida com os

restantes e dos analfabetos governantes que ajudaram este feito. Afugentaremos e enterraremos ainda mais nossa história para o depósito da terra do já foi, ficaremos cego de um olho, pirata ao léu, caolho caduco.

Retiraremos o ponto final das letras, sobrando o abismo, o fundo seco do poço, a lástima do vazio, o espírito final das letras será o abandono.

Seremos ainda mais velhos de nossa burrice, como museus ôcos, prenhos do nada, perdidos no mangue, enquanto caranguejos andarão sobre os vestígios.

As letras dos velhos mestres, escritores, que as tornaram rígidas, de pé, não agüentarão mais, de que caindo no esquecimento etéreo de que esta cidade esta condenada, será mais proveitosa.

Vingará seus verdadeiros pó-líticos, que se aproveitam da palavra e seu discurso somente em época de eleições, enganando analfabetos e desviando a educação.

Vingará os falsos pó-etras, cunhadores e aniquiladores de fim de semana, por pose artística ou por modismo, (poesia é outra coisa, ou coisa nenhuma ‘mermão’)

Vingará o pó esfarelado do cimento antigo, dos óleos de baleias assassinadas, ao trabalho escravo de sua construção.

A alma da poesia, rarefeita, vingará sobre esta cidade, manchando nossos lençóis, nossas vestes, nossa comida.

Baixaremos ainda mais nossa cabeça, Nos envergonharemos ainda mais de nós mesmos Pois, não fomos leal nem benemérito deste evento futuro.

Feitos bichos, feito ratos como mouses pós-modernos, nos esconderemos de nossa própria vergonha, de nosso próprio medo, encarcerados em nossas letras sem moção. Sobrarão os vultos, e aparecerão os contemporâneos, segurando em troncos e paus suas paredes e janelas. Não sobrarão homenageados, não vingará mais homens bons, homens das letras, ficarão todos soterrados em sua penumbra tísica.

O livro será esquecido de vez, desperdiçado... não terá mais razão, será mendigo de seu próprio ego.

O amor será esquecido, esquisito, esquizofrênico, pois não terá logos, conjunção, agrado. A palavra truncada não terá lógica alguma.

O respeito por quem ergueu este prédio e este patrimônio da cultura no novo mundo, de forma internacional correrá risco, e certamente será alvo.

O rabisco dos escritores perderá seu traço, ficaremos robôs de nossa própria negligência, como computadores sem alma, dê-s-lógicos, volveremos a poetas digitais, descurados.

Mataremos todos seus ilustres. Morrerá a palavra, o caminho, o meio. A Praça da Purificação, conselheira, velha sábia, amargará definitivamente uma outra rota, outra derrota. A peste da não comunicação, comunicará ninguém a lugar algum. Ficaremos esquecidos, amaldiçoados. Enchentes de lágrimas descerão como um rio inundando em lama podre nossa própria desgraça.

Quando o casario da Academia de Letras de Santo Amaro cair...

CAIU.

### **Perdido entre bambuzais**

De volta ao apêndice  
Onde esqueci meus gritos  
Na floresta densa em rasgos  
Onde se enconde a letra  
E a colheita é mais amarga  
Aprender com a flexibilidade das plantas  
Na dureza da palavra rígida em curvar sem se quebrar em dízimos  
Em sua inteireza, desintertextualizada e intersemiotizada  
Vegetando como begônias  
E orquídeas e musgos no bambuzal  
Filho sinistro dos papéis em dormência  
Filo o fruto da poesia embicada em tuas raízes e galhos  
Donde se inscrevem flora e fauna ruborizada e jaz alquímica  
Na gravidade de uma outra rota revelo-me rio  
Intento de água e correnteza que flui em voz voraz a regar tuas raízes  
Na conífera paisagem do deságua e verossimilhança

### **O retorno do éden**

Mas agora vê a semelhança do vazio vivaz  
No recôncavo, recluso, donde tudo é degredo  
O tema silenciado na fria janela da alma ainda assusta  
Esconde a esfinge morta dos antiquários  
A epopéia esconsa dos detalhes não revelados  
Onde os dragões acalantam seus Jorges, Antônios e Joões  
Na espreita do casario antigo a cantiga nas pedras seculares ainda  
perscruta  
A casa morta a flagrar a manhã em cálices ainda intenta  
Sem rima ou intenção tamanha a alimentar nosso retorno  
Onde os véus citam em clarins, violoncelos e harpas quebradas  
O desejo invólucro de te alcançar

### **O lunário visto do alto da torre do castelo**

Oh, os deuses em prantos  
Que me dilua em aventos  
Aos gouros sem fissura  
Em tristes vendavais de esquecimento  
Na ave de bouiçais lembranças  
Quando a pérolas de odes sagradas  
Aos silvos que se me dêem por isso,  
Nas maçanetas de um derme em carmim  
Que se afoitam e volvem icásticas

### **Cântico primeiro**

A asa lume na esconsa dos vermes  
O gáudio daqui ainda alcança sua voraz tenacidade de homem vil  
Como cipó caboclo em pele de mula  
Lampiões sem formosura decoram a cabine onde  
Decaídos no bordô marinho vergeiam artelhos na ocasião das horas  
Amarga um tenso rio de anis de alfazema  
Que refeitas após heras se entregam a solilóquios e ternuras  
Num despertalar apoteótico e supra lírico  
Corrompendo montanhas e manhãs  
Quando me vejo no sarjão dos embrenhos  
Contumazes cânticos dos castigos e aduaneira passagem  
Estufa meu peito e arde como um brasil  
Avencas de mercúrio, iodo e sal  
Desse tempo *noir* e transdêmico de silêncio  
Onde por ordem dos escárnios acintos  
Me afugenta em minha aura narcisa nascida  
E velado no orgulho dos crepúsculos

### **Presente de Grego**

Aos violinos sem jasmins  
Aos surdos em estâncias  
Aos griôs dos escuros  
Aos cegos em abundancia  
Aos súditos das entrâncias  
Aos totens da além distância  
Aos rotos a verver reentrância  
Aos visos da fada errancia  
Aos destinos do qual a dança  
Aos mestres do desuso e da deselegância

Dedico-lhes meu stratagem  
Sem cancela, sem cavalo, sem crina

### **No coreto da cidade**

Na arquibancada de pedra  
Onde astuto deito e respiro  
Envolto em poemas sujos  
Observo ao ledro de astros em desuso  
Embaralhados em sonhos ainda piores  
Ergo minha dança como uma taça em degredo  
Aos calhamaços de mel e vitória  
Enrubescidos na lã de antigos pardais  
Pois fiz questão de esquecer meus versos na lua  
Ou em galas nas esdras da infância  
A noite toda lá nas volúpias nos degraus da escarpa  
Ou em via láctea mais alem  
Galgo teu segredo enquanto me olha mais uma vez

### Poema de encurtar distância

A este labor cítrico, cloro em pesar víbora  
Ardo poesia untada em neve  
Propicio às masmorras e montanhas medievais  
Onde a larva dos vulcões em mim és vômito  
Quando percebo essa solidão inexata  
Perscruto e canto Marte e Júpiter no húmus da clarabóia  
Adornando seixos fartos de dormência  
Vendo você em mim longínqua

### Ouvindo sinos

Alumino e só  
Nunca mais a dor da saudade, avoá  
O quis da ilusão, a docidade da vingança jamais me abduzirá  
O ápice da vertigem segue à risca do poema andaluz  
Em trilhas de meia lua e sal hibernado na paisagem  
Permaneço  
Êxtase da flor feita em menina na praça me esquivo  
Perco-me nas minhas vestes de anjo azul barroco  
Retorno à casa, marco de solidão e solilóquios  
Na cicatriz e éden da mocidade equivalho-me  
Reparando os erros e ouvindo os sinos

## **Delírios perscrutórios**

*À poeta Jacinta Passos*

Minha pele ferida á mostra descobre-me em teus delírios  
Agarrado ao teu pau caduco de poesia, sou teu cavalo  
Selado, alado e ignoto insisto  
Desdenho entre cidades fantasmas e o éden escuso  
Aberto entre os cofres de vendas e armazéns ao léu  
Afiro-me aos pergaminhos soltos, avoaçados na euterpe do campo  
limpo  
De sua inteiriça língua de mestre pagã, ergo-me em taças de liquens  
Onde os poros da manhã catam musgos no quintal das engrenagens  
E sementes malignas encontram a vaga do caminho  
Cintilando brumas e tornando-me o rotor do engenho mais veril

## **O Pote**

Acompanhar o púcaro ir ao chão levando em lástimas o último gole  
Agora, seguem-me em desvios meu olhar à tua perscruta  
Soa átimo no clarão dos céus  
E não olhai pros ventos áureos  
O gosto líneo de água barrenta e pouco filtro  
Minha língua presa entre f'eros dos ancestrais  
Agora besouro tonto perfura meu olho esquerdo  
Sou luso intento na queda azulejar  
Desatino de montes entre notas fugidias  
De quando errávamos fingindo bêbados ou éramos total ameaça  
Figura hoje a crença pagã de uma farmacopéia em desavim  
vendo tecer saudades em folhas secas  
Ou como o palito de fósforo que após uso o jogamos fora

### **Aninhando com o balé das garças**

Era sexta e a mansidão dos escombros se alastrava na maré  
Um a um, desciam como travas da escada na poeira da praia  
Desde então, descobri a solidão quando me veio você  
No aglutino do palo seco na piscina dos meus olhos  
Enchendo-me de ânsia o alumbramento de cada sêmem  
desperdiçado  
E foi um outro tempo quando desfeitos  
Purificado e jaz limpíssimo aquário no oco do cabedal  
Donde conversavam peixes e moluscos insólitos  
A ruína de salobros fantasmas na ocasião dos fatos  
Percebo, és tudo isso, água doce de beira de rio e mais  
Palimpsestos de borras de perfume e éteres  
No aglutino fóssil de fortes indícios de sermos

### **No baile de Degas**

Talhando entre ciosas coisas jocosas  
Acato na bruma vespertina acácias sangrias de cor e desejo  
O idílio preso numa égloga hórrida  
Desavim de uma busca insana e fugidia  
No torso de lápides escusos e epiléticos  
Breviário de alpendres para druidas  
Sirvo de farmacopéia para princesas rústicas e ademais discretas  
Gálidas que entranham em suas vestimentas o frio da pele  
Como loiça reluzente e de caudoloso recluso  
Assim insuspeitos entre seu caulim e feldspato que se nos congela  
Lança o risco da estrada  
Como um cetim adornado num bom tabaco cruzalmense  
Preso na nafta da saudade e dos escombros  
Por entres de guardas de anjos andróginos  
Nos estandarços de mármore e granito qual habito  
Donde aos púmbleos refigura-me  
Ocos cacos vítreos de antigas labaredas aquecidas  
E castiçais onde o vento vestia suas Hécates  
Nestas mesmas brumas tangidas enquanto recuo  
Flavos astrais na isqueira me pertubam  
Desviam meu sono, atinando-me  
Ou no tronco de jaqueiras centenárias  
Donde renascem meus tesouros  
Fontes eternas das saudades do futuro  
De rútilas epidemias ancestrais de gozo e luz  
Flufluo entre fábula e troncas solidão  
Têmpera na matiz do poema tonto  
Jogo jogado fora  
Na cidade lida em cascas de zinco e mel

Ao bramir poente das lamparinas às escusas  
Atroz o dardejar límpio arfã das andarilhas mesquinhas  
Perdido entre cravos, rosas e lapelas na procissão  
Grilhões que dimanam vestes e entorpecem as calhas dos bêbados  
Entre trajas ignotos e insepultos  
Surge insurrectas finando estertores  
No sal de encharcos de perfume e ardências  
Ou no odor de naftalinas achadas entre sonhos avoengos  
No dilatar do ventre inconcebido e jaz fecundo  
Surjo entre as hélices dos alqueires  
E cambio a esmero sugando ventos e húmus atmosféricos  
Fungos, algas e limos benzem-me  
Albumino na cabeça do falo  
Silvas, Cogumelos, carvalhos e flores em desuso  
Umbuzeiros, cajazeiras, paus de sebo  
O azedo agora estandarte apazigua  
No encharco luzídio engrenagens amorfas ente falantes  
Clareira entre tecidos de espécies diferentes  
Éramos fungos e algas  
Anchovas fugidias na maré  
Em resiliência e esbravejo contra a maré  
Resumo de toda poesia a isto  
O lustre da casa, a viagem, a assepcia rotineira  
A voz, o silencio, a música  
Entrevero, orgia e sarração.  
Trítonos comuns, pai, mãe e espírito santo  
Quiséramos ser o repouso da lua na chapada do céu  
Perceber o pio da flora e o arborecer das plantas  
Danar sua lunação ensimesmado entre arquétipos de jogos  
Copa, libra, sacerdotisa  
Ou ao faro de tecelões que na enzima torcem

Valete de espadas, imperatrizes, reis onde reis um amuleto  
Guia de talismã como um ritual inflorescente  
Distinguido por renascimento, auto fecundação infrutescências  
Das frutas-do-conde, framboesas, romãs e uvas  
De Púlpito te instauro numa esfinge  
Aliquido lumino em prata e carbono  
Roseiral sem flores  
Cai cedo da cama com uma única demanda  
Na acerbidade da manhã, entre o pastoril desdenho  
Perdido entre o rústico alarde campesino  
Tento te encontrar  
Bucólico entre as colinas  
Por detrás dos folguedos  
escantrônicos  
Poeira de estrela , gases e vazios expandidos  
Saga fotossíntese

Os três poderes

O Sal  
Alqueire marinho

O Mercúrio  
Equilíbrio de asas ao infinito  
Dispersando a queda

O Enxofre  
Remédio de acordar Lúcifer  
Amarras do porão

Soltam as escamas da noite

### **Causo da centenária casa de farinha do finado Juca**

A lembrança mais profunda da casa de farinha que possuo é de quando menino, criança fui levado a conhecer minha avó Dona Rosa. Já viúva àquela época, vivia saudosa das implicações de seu primeiro e único esposo, o Sr. Juca, homem conhecido por sua braveza e rusticidade.

Nos idos de 1978 a fazenda Cadete na zona rural de Cruz das Almas ainda não possuía rede elétrica e a fonte de energia era movido principalmente por candeeiros de querosene, diesel e outros óleos, velas e o fogão a lenha da cozinha antiga era mantido em brasa, dia e noite, ininterruptamente.

Na construção vizinha, algo a 300 metros da larga casa de muitos quartos onde dormia, surgia entre florações e mata diversa, a temida casa de farinha de seu Juca, que de quando em vez cismava de algo ia dormir na barriga do cocho de farinha, espécie de canoa ou vasilha cavado e feita de um tronco só de árvore bem grosso, acho que ipê ou cedro, para lavar a mandioca e fazer a farinha. De certo esta construção revelava sua importância, que ora por vezes instigava por sua rusticidade e prolongamento da casa em exaltar o trabalho e urgências diárias de alimentação.

Gravado em suas reminiscências de sonho e alusão ao imaginário do canto de trabalho, a casa de farinha guarda e opera no que é mais tenro e exato em aproximação ao uso da terra como *célula-mater* mais profunda no contato com parentes próximos e sua vizinhança de entorno, suas raízes alquímicas do ser e da natureza toda envolvida desde a plantação, cultivo, fabricação e uso, pois dali saíam e saem farinhas, beijus, gomas e outras delicias.

Conto-lhes uma vez em que pela falta de energia nas baterias de carro 12 volts que alimentava a antiga TV 8' polegadas preto e branco, ia até a casa mais próxima dali, a de meu tio Francisco, cerca de 500 metros para assistir televisão e ficar de ouvir prosas e causos dos mais velhos junto a meus outros primos que se juntavam toda noite ao redor daquele objeto de luz, imagens e sons.

Disto, o que mais temíamos era o medo de acordar o finado Juca no tronco do cocho, pois a casa de farinha era a única passagem possível e obrigatória para quem ia até a residência vizinha, e ali passávamos quietos e temidos, de estilingues em punho, rrsrrsrs, de ouvidos atentos e apreensivos, com o coração a tino e de total providência a algo suspeito.

Desafio feito e proposto, numa certa noite, pela falta de energia nos candeeiros e ou por fim das transmissões da novela da época, logo após de me despedir de todos, meus primos, primos de primos e chegados logo se prontificaram a me acompanhar até a temida casa de farinha, ficando certo que ao se aproximar dela 'era hora de dar tchau' e aí era cada um pra seu lado. O fato é que chegando a casa de farinha, numa daquelas noites totalmente escuras, ouve-se um barulho estranho saindo de trás da casa de farinha que era algo diferente do cotidiano, nesse ínterim foi-se dado o alerta e aí sumiram-se todos, foi sandália perdida, badogues ao chão e nem sombra de nossos tão bravos companheiros. Crianças fugindo de algo interior que era nosso mesmo, que se prostava ali em frente a provar e reconhecer nossos medos e alimentar nossa bravura e fortaleza, espécie de prova viril e futurística em manancial beleza a fortalecer nossos egos, emoções e voracidade, afinal ser neto de Juca continua a ser sinônimo de endeusamento e virilidade.